Edição de Janeiro/2022 Número 41

Linguagem neutra - Você é contra ou a favor?

Em seu artigo, a professora Linda Barros sobre a polêmica da linguagem neutra na Língua Portuguesa. (Pág. 3)

Três poemas de Antonia Nilda

Conheça a poesia e a sensibilidade de Antonia Nilda Alves Cruz, uma professora que desponta para o mundo dos versos. (pág. 5)

Saudades da escola da infância?

O professor, cronista e poeta José Carlos Gonçalves Filho fala sobre momentos que marcaram a vida de muitas pessoas. (Pág. 6)

Sugestões de leitura

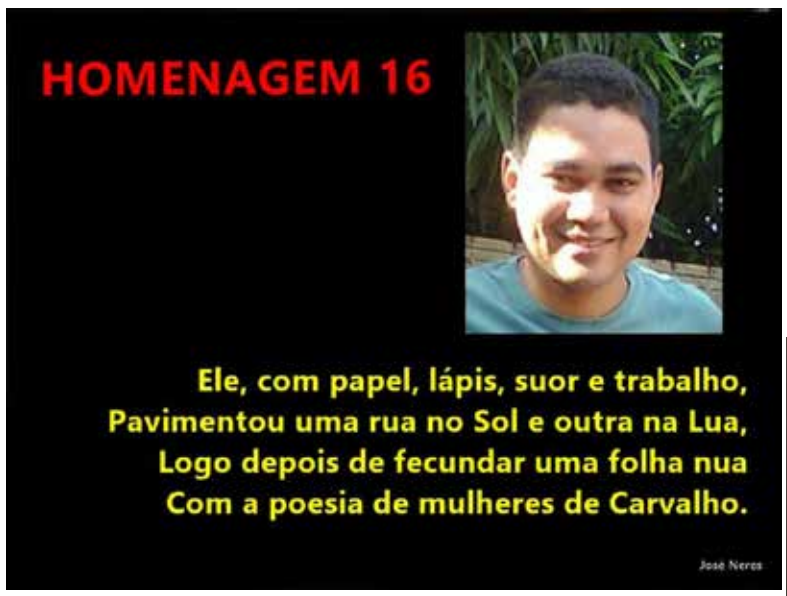
Dois estudos sobre Literatura Maranhense para quem pretende se aprofundar no assunto(Pág. 2)

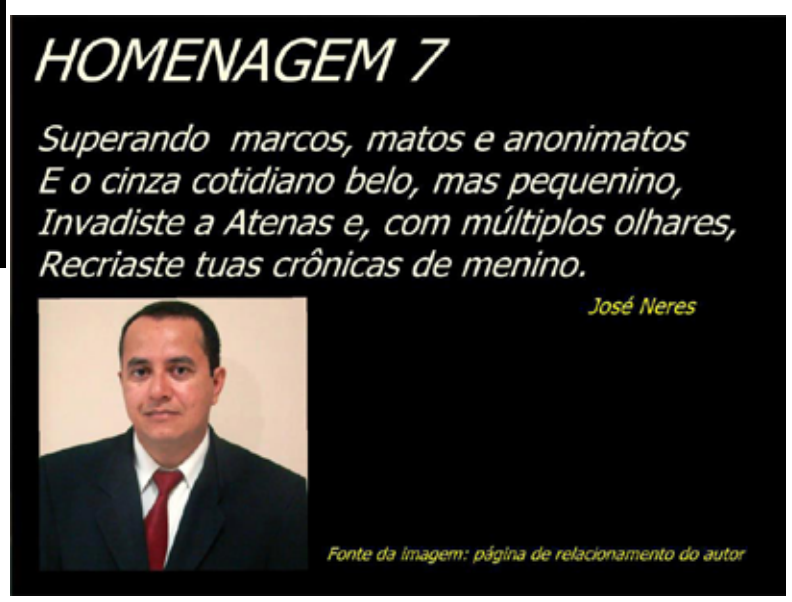
A Tara e a Toga, de Waldemiro Viana

Um breve estudo sobre o romance A tara e a toga, de Waldemiro Viana (Pág. 7)

A PRESENÇA FEMININA NA AML

Conheça as nove escritoras que fazem parte da história da Academia Maranhense de Letras (pág. 8)





EDITORIAL

Chegamos ao ano de 2022!!!

O ano passado não foi dos mais agradáveis para a cultura maranhense. Perdemos o poeta Carvalho Junior no primeiro trimestre e, quase no fechar do ano, tivemos também a lastimável perda de Luiz Phelipe Andrès, para citarmos apenas dois dos tantos nomes que fazem falta ao nosso convívio e à cultura geral de nosso povo.

Durante o período pandêmico pelo qual temos passado, tivemos que aprender a conviver com os medos que nos rodeiam dia e noite. E é sobre isso que trata um dos poemas da professora Antonia Nilda Alves Cruz. No meio da crise, as artes foram um lenimento para cada um de nós. Várias pessoas perceberam que é necessário sair um pouco da realidade, para poder ver a própria realidade com um novo olhar.

Neste número também temos duas crônicas do experiente professor e escritor José Carlos Gonçalves Filho, que, de modo bastante sensível, faz um regate da infância e da fase adulta de toda uma geração de professores formados a partir da década de 80 do século XX. Vale a pena ler as crônicas e mergulhar nesse passado não tão distante assim.

Temos também aqui um texto da professora e atriz Linda Barros, que discute os prós e contras da linguagem neutra, que já começa a fazer parte do cotidiano de muitos usuários da Língua Portuguesa.

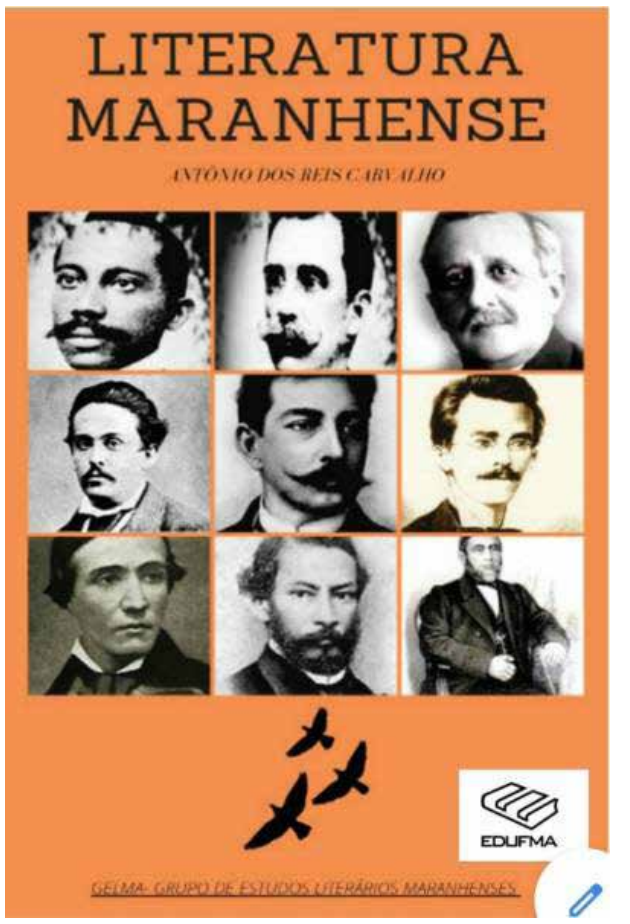
O brilhante e talentoso prosador Waldemiro Viana é homenageado em um artigo que comenta o romance A tara e a toga, um dos mais conhecidos livros desse importante escritor maranhense.

Faz parte desta edição também um breve estudo sobre as nove escritoras que fazem parte da história da Academia Maranhense de Letras.

Quem acompanha este Informativo Eletrônico sabe que nunca tivemos a intenção de fazer contatos comerciais, contudo, a partir deste número, estamos divulgando alguns sites e projetos também sem fins lucrativos que se preocupam com os aspectos culturais de nosso povo, como é o caso do site Notícias da Região Tocantina (gerenciado pelo professor e jornalista Marcos Fábio Belos Matos) e o Portal Facetubes (uma notável iniciativa do jornalista e escritor Mhário Lincoln).

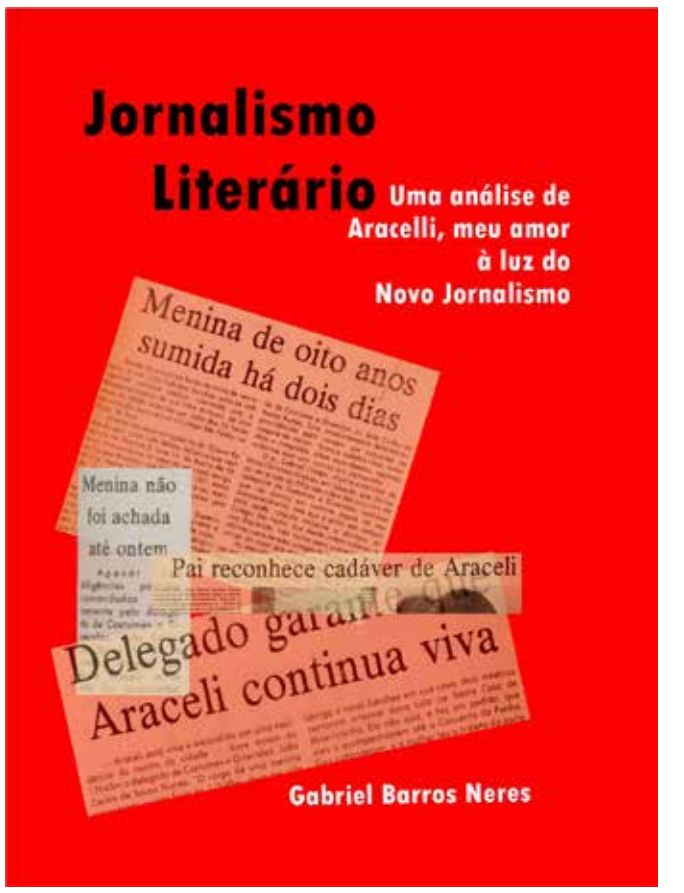
Finalmente, anunciamos que neste ano de 2022, o Ilhavirtualpontocom terá uma periodicidade mensal e saírá em algum dia da segunda quinzena de cada mês.

SUGESTÕES DE LEITURA



Este ensaio, elaborado pelo professor e poeta Antônio dos Reis Carvalho, é um dos mais importantes documentos sobre a literatura maranhense desde seus primórdios até as primeiras décadas do século XX.
A presente edição, com notas e estudo sobre o autor, é uma realização do Grupo de Estudo em Literatura Maranhense - Gelma, e está disponivel na INTERNET

Neste livro, além de teorizar sobre o Jornalismo Literário, o jornalista Gabriel Barros Neres faz também um estudo sobre o romance Aracelli, Meu Amor. Considerado um dos crimes mais brutais já ocorridos no Brasil, o Caso Aracelli até hoje chama a atenção dos leitores e é um dos pontos altos da produção literária de José Louzeiro.



Visite o site Notícias da região Tocantina

EXPEDIENTE

O Ilhavirtualpontocom é um projeto independente que foi iniciado em 2011 e que tem como principal objetivo promover e divulgar a cultura maranhense, com ênfase na literatura.

IDEALIZADOR E EDITOR: José Neres
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: José Neres

Colaboradores desta edição: José Carlos Gonçalves, Antônia Nilda Alves Cruz, Linda Barros, José Neres

A Linguagem Neutra: Polêmicas e Transformações

Por Linda Barros

Quando estamos falando em mudanças e transformações, devemos dizer que nem sempre o mundo não está preparado para recebê-las, muito menos para aceitá-las. Como bem disse Fernando Pessoa "Tudo quanto vive, vive porque muda; muda porque passa; (...) tudo quando vive perpetuamente se torna outra coisa, constantemente se nega, se furta à vida". Uma das mudanças nessa contemporaneidade está ligada à estrutura da língua, principalmente à língua portuguesa no Brasil. É do conhecimento de todos que a língua é uma estrutura maleável e, nesse sentido, há a possibilidade de apresentar variedades linguísticas.

Desde os primórdios, o idioma já existe, no entanto, o que acontece, é a constante mudança ou enriquecimento vocabular, dentro da língua portuguesa/brasileira, nesse caso - essas mudanças, afetam o léxico, a sintaxe e até a semântica. Mas para que essas mudanças sejam aceitas é necessário que tais variações já existam há um longo período dentro da nossa comunidade linguística.

Nesse longo percurso de transformações, de repente nos deparamos com o vocabulário neutro, ou linguagem neutra, ou ainda com a linguagem não binária. Nesse sentido, muito já se ouviu falar de uma pessoa neutra, um sentimento neutro, um território neutro ou de uma palavra neutra. Mas, afinal o que é "ser neutro"?

Neutro vem do latim neuter, neutra, neutrum, que significa "nem uma coisa, nem outra", em outras palavras, também significa um símbolo de indeterminação. Concomitante a isso, refere-se a algo que não tem partido em qualquer disputa. Segundo os dicionários, neutro é tudo aquilo "que não toma partido, que se abstém de tomar partido" ou ainda, "que avalia ou julga com imparcialidade" e mais "que não apresenta clareza ou definição; indefinido, vago". Trazendo para a linguística, o professor Cândido Jucá (filho), em seu Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, comenta que se trata de um adjetivo que representa algo "que não é nem um nem outro, imparcial, indiferente, inativo, que não é nem masculino nem feminino". A linguagem neutra, ou não binária, é um processo em evolução e ainda de pouca aceitação por parte da sociedade moderna.

A linguagem neutra ou não binária é usada por pessoas que não se identificam com os gêneros masculino ou feminino. Hoje, esse tema está recorrente na mídia, nas redes sociais e no vocabulário do dia a dia, usado para dar igualdade àqueles que se sentem excluídos perante a sociedade. No entanto, vale ressaltar que, querendo ou não, é uma mudança drástica no comportamento da norma culta da gramática da língua portuguesa. Alguns chegam a chamar tal mudança de "aberração linguística", conceito esse que pode ser revisto para que não cause tantos problemas com as pessoas que utilizam essa nova linguagem. Para abraçar a causa, o tradicional Museu de Língua Portuguesa (MLP), que foi reinaugurado recentemente, usou a nova linguagem em uma postagem em suas redes sociais com a expressão "todes" que ainda não consta nos dicionários; justificou dizendo que o MLP é "um espaço para a discussão do idioma e suas variações incorporadas ao longo do tempo". Segundo informação do jornal Gazeta do Povo, "a medida que teria como objetivo incluir pessoas que se auto declaram não binárias, ou seja, que não se reconhecem nem como mulher nem como homem, é alvo de críticas por parte de linguistas e professores da língua portuguesa".

A linguagem neutra ou não binária é usada por pessoas que não se identificam com os gêneros masculino ou feminino.

No português e outros idiomas provenientes do latim, possui fortes marcadores de gênero, significa dizer que há uma mudança na forma como escrevemos ou falamos algumas palavras do nosso idioma de acordo com o gênero em questão. Tais ocorrências acontecem com os substantivos, adjetivos, artigos e pronomes, como já sabemos, falamos meninas e meninos, bonitas e bonitos, eles e elas, e assim por diante. Em todas essas estruturas, quando queremos falar de forma genérica ou no plural, é o gênero masculino que é considerado o correto para representar o todo, sendo assim, se estamos falando de um grupo composto de meninos e meninas o correto, segundo a gramática normativa da língua portuguesa, é usar "eles" ou "todos" quando nos referimos ao conjunto completo.

Em recente artigo publicado na revista Istoé (30/07/21), a Academia Brasileira de Letras se pronunciou acerca do assunto, dizendo "que a gramática é como um edifício, você mexe na parte externa, que é a pintura, que são as palavras, mas não na estrutura, na parte interna", palavras do professor, filólogo e gramático Evanildo Bechara.

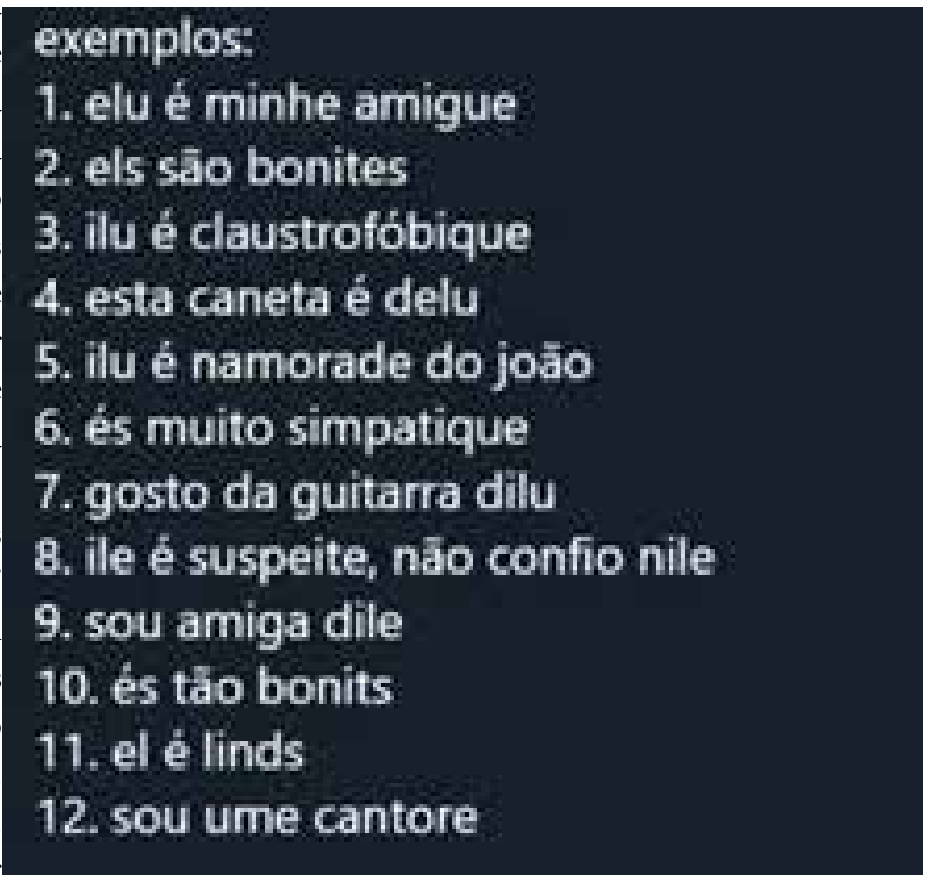
Sobre essa temática, as opiniões se dividem. Anderson Garcês, universitário do curso de Letras, trata esse assunto "como irrelevante para a língua portuguesa, tendo em vista que é um pequeno grupo de pessoas que faz parte de uma comunidade restrita de falantes e que não há a necessidade de uma mudança drástica dentro da gramática normativa. Nesse sentido, é incoerente, já que não há uma base, um estudo, para estabelecer o gênero neutro, a não ser comportamental". O professor de artes e produtor teatral Marcos Dominici dá sua contribuição deixando um questionamento "se a língua portuguesa é viva e está em constante mudança (já que recentemente passamos por uma reforma ortográfica) e algumas palavras foram adaptadas a partir dessa mudança da língua viva, assim como aceitar estrangeirismo e tantas outras coisas. Será que o pronome neutro incomoda porque quebra a estrutura da gramática e da ortografia da língua portuguesa ou será que tem uma quantidade de valores, de preconceitos em função de uma série de circunstâncias sociais?"

Para a professora de inglês e mulher trans Naya Evelynn, a maioria dos argumentos "são inválidos, uma vez que muitos têm zero contato com o mundo das letras", enfatiza ainda que "a linguagem neutra é essencial. Língua não devia ter gênero, ela deveria ser capaz de abranger a todos. É um processo de se acostumar, é um processo de evolução linguística, porque a língua é algo vivo, ela muda constantemente. Nós não falamos de acordo com a gramática no nosso dia a dia, então, é uma justificativa inválida para o não uso da linguagem neutra em outros ambientes". A professora termina seu depoimento dizendo que "o uso da linguagem neutra é uma necessidade que está surgindo no processo de crescimento como ser humano e gênero e deve ser respeitado mediante de como as pessoas gostariam de ser tratadas".

Substituído por	*Exemplo na Língua Portuguesa*	*Exemplo na Linguagem Neutra*
Pronomes não-binários **"Ilu(s)"** | pronuncia-se *"ilu"*.	• Ela comeu muito. • Eles são parceiros.	• Ilu comeu muito. • Ilus são parceires.
Pronomes não-binários **"Eli(s)"** | pronuncia-se *"éu"*.	• Ela comeu muito. • Eles são parceiros.	• El comeu muito. • Els são parceires.
Pronomes não-binários **"Ile(s)"** | pronuncia-se *"ile"*. No singular, usa-se **"Ile"** e **"Iles"** o plural.	• Ela comeu muito. • Eles são parceiros.	• Ile comeu muito. • Iles são parceires.
Pronomes não-binários **"Elu(s)"** | pronuncia-se como *"élu"*.	• Ela comeu muito. • Eles são parceiros.	• Elu comeu muito. • Elus são parceires.

Fonte da imagem: Fonte:https://www.google.com.br/search?q=quadro+explicativo+da+linguagem+neutra&sxsrf

A professora e Pós-Doutora em Estudos da Linguagem Renata Barcelos, defende que "a língua é dinâmica, é um dos aspectos dela, é um processo em movimento, as palavras sofrem alterações, sobretudo no aspecto semântico e nesse período em que estamos vivenciando, vem surgindo o fenômeno da linguagem neutra, onde um grupo de pessoas defende a causa de que precisamos ajustá-la para atender as atuais circunstâncias, pensando como elas se identificam, pois algumas não se identificam nem no masculino, nem no feminino", diz ainda que "cada língua tem seu processo de evolução. O Latim tinha o neutro, o masculino e o feminino e quando houve a evolução desse idioma, em Latim Clássico para o vulgar e houve essa transposição do vulgar para as línguas neolatinas, (francês, espanhol, italiano), na língua portuguesa, nós só ficamos com o feminino e masculino". Ela termina dizendo que "a partir de muitas pesquisas, de muitas leituras de textos acadêmicos, de vários recortes, eu continuo defendendo que a língua é um processo em movimento, que na linguagem cada vez surgem mais novas palavras, principalmente também por causa da tecnologia, mas independente das opções, das orientações, do que eu me identifico enquanto homem e mulher,das minhas escolhas, a língua portuguesa apresenta dois gêneros: masculino e feminino".



Fonte da imagem: Fonte: https://www.google.com.br/search?q=quadro+explicativo+da+linguagem+neutra&sxsrf

Toda a polêmica está, onde se propõe que o "a" e "o" sejam substituídos nos pronomes, substantivos e adjetivos neutros por "x" ou "@", assim permite que "ele" ou "ela" possa haver um pronome pessoal "elx" ou "el@". A referência à linguagem neutra (chamada também de linguagem não binária) atende à demanda de ativistas pela neutralização da língua. Defensores dessa mudança pedem o fim do binarismo do idioma português, ou a existência de somente dois gêneros: feminino e masculino. Para isso, propõem a criação de novas palavras, como "todes", "menine", "elu" e "elx". A linguagem neutra ou não binária, mesmo tendo o mesmo propósito de incluir a todas as pessoas, de certa forma altera o idioma, como podemos ver nas palavras, amigxs, tod@s, todes. Os grupos feministas e LGBTQIA+, que são ainda minoria, abraçam essa causa como uma forma de denunciar desigualdades.

Depois de todas as argumentações e opiniões, um fator ou ponto em comum a tantas discussões e divergências é que todos concordam que a língua é dinâmica, é viva, é pulsante e aberta a constantes transformações, principalmente no que se refere ao vocabulário. Por fim, para um melhor entendimento a toda essa polêmica, abaixo tem um texto (anônimo), mas de suma relevância encontrado no link https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda

A FARSA DA INCLUSÃO COM PRONOMES NEUTROS
(Não sei quem é o autor, mas vale a pena a leitura)

Outro dia sentei em um restaurante com um amigo e a garçonete veio nos atender com um sorriso:
– "Olá Amigues!"
– "Amigues?", eu disse, também com um sorriso.
– "Isso mesmo, somos um restaurante inclusivo!", ela respondeu com orgulho.
– "Olha que bom! Isso é ótimo porque em pouco tempo chegará um amigo que é cego. Você tem o cardápio em Braille?"
– "Não, não temos isso."
– "Ok, mas minha esposa também vem com minha afilhada que é autista. Menu com pictogramas otimizado para pessoas autistas, vocês têm?"
– "Não, desculpe…", ela disse visivelmente nervosa.
– "Não tem problema, isso geralmente acontece. Imagino que libras para clientes surdos você deve saber certo?"
– "A verdade é que você está me encurralando", responde sorrindo de nervoso.
Ela não estava mais confortável…
Então eu disse:
"- Lamento dizer que vocês não são um lugar inclusivo, vocês só querem estar na moda. Quer ser inclusivo, inclua aqueles que o sistema não dá oportunidade. Um É, X, ou @ no final não faz de você inclusivo. Atentar contra a língua portuguesa não lhe torna inclusivo, lhe torna burro.

Por fim, querendo ou não, gostando ou não, assim como as gírias, os sotaques e tantas outras palavras que surgem todos os dias, a linguagem neutra chegou com muita força e muitos se darão conta de que ela é uma nova forma de expressão e que mesmo não estando regulamentada na gramática de língua portuguesa, chegou para ficar, sem pedir licença. Mas e você caro leitor, o que pensa sobre o assunto? É contra ou a favor? Aproveite, a discussão está aberta, deixe seu comentário.

LINDA BARROS é professora, atriz, faz parte da Academia Poética Brasileira e da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritoras (AJEB-MA)

Cantinho da Poesia

O **Ilhavirtualpontocom** tem o prazer de estampar neste número três poemas da professora e escritora Antonia Nilda Alves Cruz, que traz em seus versos uma mescla do sertanejismo com as angústias ocasionadas pela vida cotidiana. Nos textos abaixo, os leitores terão oportunidade de uma pequena amostra de poemas quem em breve estarão enfeixados em um livro. Desejamos à escritora muito sucesso nas lides com a poesia.

Além do horizonte

Além do horizonte,
As palavras de babaçuais
Balançam suas palmas
Em sincronia com o vento continental.
No alto de uma palmeira,
O bem ti vi entoa seu canto
Bem ti vi
Bem ti vi
Bem ti vi
E no terreiro da casa de dona Sinhá
Uma rolinha
Responde
Fogo pagô
Fogo pagô
Fogo pagô
No pingo do meio-dia
O sol ardendo a pino,
Sinhá grita,
Menino/a
É hora de almoçar.

Incertezas

Saudade,
Nem sei de quê!
Talvez de tudo,
De todos.
A grande enfermidade nos
Confinou em nossas casas.
Cabeça e corpo já emitem sinais
de alerta,
de medo, medos,
incertezas,
vontades reprimidas.
O que pode acontecer?
mortes, mortes, mortes,
Quantas mortes!
Podemos sobreviver?
Só o tempo pode nos dizer!

O dia inteiro tem muitas horas

Fazer muitas coisas faz o dia GRANDE

Não fazer nada faz o dia PEQUENO
Diz-se que o tempo é relativo.
É também dativo e apelativo.
As normas andam fora de ordem,
Destruiu-se conceitos
Criaram-se preceitos tortos;
Nas mentes
Dos que não têm os limites
Da razão!

Não busco limites
Razão ou compensação
Não busco limites
Queria encontrar razão
Das limitações
Que sempre nos impuseram
As instituições

Antonia Nilda Alves Cruz é professora de Língua Espanhola e atualmente está lotada no IFMA Maracanã.
É apreciadora de bons livros, bons filmes e de boa música.

Crônicas... Crônicas... Crônicas

Provavelmente, todos nós temos saudades de algum momento de nossa infância, das primeira escolas que frequentamos, de nossos professores e colegas. Nas duas crônicas abaixo, o professor e escritor **José Carlos Gonçalves Filho** conduz o leitor por uma viagem ao passado, para que todos possam reviver alguns dos momentos mais interessantes de nossa história pessoal e ao mesmo tempo coletiva.

AS MINHAS ESCOLAS I

Anuviam-se as lembranças da alfabetização. Uma dolorosa e imperdoável lacuna em minha jornada escolar. Uma pena!

Entretanto, trago as minhas escolas sempre comigo. São duas. Odorico Mendes (O M, Ovo Mole) e Colégio Pinheirense (C P, Cu de Pinto)

Da primeira carrego lembranças fortes. Desde a saída de casa até a chegada ao imenso portão de ferro.

De casa, vinha com o uniforme impecável. Não sabia até quando. Camiseta e calção, respeitados. Como complemento, uma "chulipa", que engolia a meia, que engolia as canelas secas e cinzentas. O cabelo, baixinho, cortado a máquina manual, o que "doía pra dedéu", trazia a sua marca registrada, uma "pastinha", que era a nossa vergonha. Desta não podia escapar, papai era o barbeiro. Os livros e apetrechos, geralmente, estavam "enfiados" em um saco plástico. Quem não teve o seu?! Saco grosso e resistente era uma jóia. Era ouro puro. Era nosso orgulho. Lembro bem a minha lancheira, branca, com uma alça e um copinho vermelho, "até a boca" de ki-suco de morango ou groselha ou abacaxi e um pão massa fina, recheado de manteiga. Até aqui não existia a merenda escolar.

O portão de ferro, imponente, imenso, assustava um pouco. Mas, ao se abrir, abria um mundo novo a ser sorvido. Mundo em que suas áreas livres ofereciam-se como palcos de sadias brincadeiras. As salas de aula, com suas pesadas carteiras, ofertavam as primeiras amizades, fora do ambiente família-rua. Os corredores testemunhavam planos e segredos, ainda inofensivos. O recreio. Ora o recreio era divino. Sinto até o cheiro. A merenda, aí, sim, já vinha inundada de sopas, mingaus ou sucos. A "bolachinha da merenda escolar", de uma doçura especial, a enjoar, era bem vinda, com suas belas figurinhas. A professora Fátima Correia resiste em minha memória.

Da segunda escola, mais nítidas, apresentam-se as recordações. O universo, o interesse e a percepção são outros. A ligação continua forte. Foi lá que encontrei as linhas certas para um novel escrivinhador, não tão ávido por conhecimentos. Foi lá que desfrutei das melhores amizades. Das camaradagens e das colegagens, também. Foi lá que vivi a sapiência dos mais brilhantes mestres: Cici Amorim, no mais perfeito português; Frei José, em suas "perspectivas", a traçar "nossos nortes"; padre Risso, a "desbravar" a Mecânica e a Óptica; Dilu Freitas, a martelar PA e PG, no nosso cotidiano matemático, com a sua paciência única, por um semestre inteiro; Maria do Carmo, a desfilar heróis e acontecimentos, em aulas históricas e marcantes; De Jesus Menezes, a "matematicar" expressões, em todos os seus graus; Anísia, em sua elegância a distribuir "goog afternoon". É bom parar por aqui. Lágrimas vêm. E o que dizer de Regina Durans?! Verdadeiramente, a mestra que mais marcou a minha trajetória escolar. Uma guerreira em seu ofício. Com o livrinho do Mário Meirelles a desvendar o nosso Maranhão. Que saudades!

Mas ... ganhei mundo ... e ganhei outras escolas. Escolas, que serão outros papos!

AS MINHAS ESCOLAS II

Ganhei mundo... e ganhei outras escolas...

As minhas primeiras escolas, "fora das minhas escolas", passaram a ser os encantos da Ilha e o curso José Maria do Amaral, rumo à UFMA. O que embalou o "sonho" de muitos baixadeiros.

(...)

A minha primeira experiência, a reger uma sala de aula, deu-se no curso do professor Belforzinho, no Colégio Independência. Um curso preparatório à "Escola Técnica". Haja sudorese! Experiência que me alavancou a novas e gratas experiências.

Daí, só cresci e "me entranhei" no ofício, de que não me dissociei mais. "Uma verdadeira doença!" "Doença" a me alimentar com os livros e os rabiscos do giz, a buscar sempre o muito de cada um. "Doença" vital em minha jornada!

Muitas escolas ganhei. Escolas, que se transformaram em famílias. Escolas-famílias, que pulsaram e pulsam até hoje.

Foram elas que me viram, por demais, indeciso, titubeante, nos primeiros passos e tentativas. Muitas e muitas vezes, conduzido e amparado por amigos-irmãos; irmãos-companheiros e desejosos em ver o meu crescimento.

Foram elas que me (in)formaram numa troca constante e insana de conhecimentos, em que se confundia quem passava e / ou quem recebia saberes. Verdadeiras "fábricas" de talentos.

Foram elas que moldaram o meu "berro" e / ou o meu calar. "Berro" calado e firme. Calar berrante e eficaz. Numa simbiose plena, a explodir em tantas descobertas.

Foram elas que me deram a medida certa do que é empatia. Muito além do que é respeitar as diferenças e as limitações do próximo.

Foram elas que me guiaram em minhas andanças, tempestades e bonanças. Sempre me conduzindo à luz dos caminhos, quer lúcidos ou mais e mais insanos.

Foram elas que abafaram as minhas ausências. Justificativas plausíveis às segundas-feiras ou meras alegações aberrantes ou meras ressacas.

Foram elas que acompanharam a barriga crescer, acinzentarem-se os cabelos, murcharem as faces, anuviar-se a visão, tornarem-se mais imprecisos os passos. Numa cumplicidade mais que perfeita.

Foram elas, em sábio silêncio, que me velaram como um filho amado. Num amanhecer radiante ou pouco sombrio; num anoitecer enfastiadamente sereno ou absurdamente tresloucado. São elas que "navegam" o meu barco, repleto de histórias, a ilustrar, também, a história de meus amigos e irmãos ... Mas, isso é história para outro "papo". São elas, as minhas escolas, o meu porto seguro, ainda!

JOSÉ CARLOS GONÇALVES FILHO, graduado em Letras, pela Universidade Federal do Maranhão, é natural da cidade de Pinheiro e é professor de Lingua Portuguesa. Ministrou aulas em diveros estabelecimentos de ensino de São Luís. É autor, entre outros trabalhos, de Canto Calado (2017) e Gera: entre as fontes das emoções e as trilhas que me levam a mim (2017).

Artigo: A Tara sob a Toga

José Neres

Professor, escritor . Membro da AML, da ALL e da Sobrames

Criar uma obra literária a partir de um acontecimento histórico é sempre uma tarefa que exige muito cuidado por parte do escritor, que pode deixar o livro com ranço de puro historicismo sem valor estético ou descaracterizar totalmente o fato que serviu de base para a narrativa e fugir completamente do enredo original, criando uma versão quase que totalmente desvinculada do modelo adotado.

Por outro lado, há também os interesses do público leitor. Algumas pessoas querem transformar Literatura em registro fidedigno da História e não se conformam com as liberdades criativas do ficcionista que, livre das amarras da cientificidade, não tem compromisso com a verdade, precisando apenas manter uma coerência interna para com os episódios apresentados. Há quem pegue um romance, não para se deleitar com o valor artístico da obra, mas sim para apontar possíveis falhas históricas do autor. Mas também há pessoas que se sentem lesadas quando a narrativa literária fica muito colada aos acontecimentos já conhecidos e de domínio público. Tais leitores geralmente alegam que o papel do escritor é oferecer um outro olhar dos fatos, e não apenas reproduzir fontes documentais com roupagem literária.

Buscar um equilíbrio entre a força criativa da ficção e o respeito a um roteiro já traçado pela veracidade dos fatos, entre o estilo individual e as expectativas dos leitores não é uma tarefa fácil. Mas foi o que conseguiu o escritor maranhense Waldemiro Viana, em seu mais recente romance "*A Tara e a Toga"*, que traz de volta às letras o conhecido crime cometido pelo desembargador Pontes Visgueiros contra sua amante Mariquinhas.

O livro, além de presentear o leitor com uma narrativa ágil e envolvente, traz também belíssimas ilustrações assinadas pelo artista Jesus Santos, que, com seu talento já tantas vezes reconhecido, conseguiu captar a essência da narrativa e traduzir em traços e cores os momentos capitais do romance.

Possivelmente usando como fonte de pesquisa o livro "*O caso Pontes Visgueiro: um erro judiciário"*, de Evaristo de Moraes e outras obras sobre o famoso caso, Waldemiro Viana reconstruiu o cenário da época do crime, imiscuiu personagens à trama, reconstituiu diálogos que poderiam ter acontecido, arquitetou situações que costuram o romance e temperou tudo com boas doses de sarcasmo, erotismo e de suspense. E ainda aproveitou para homenagear alguns amigos e confrades que aparecem sutilmente em alguns momentos na trama.

Algumas cenas do romance são antológicas, como, por exemplo, o momento em que, cego de paixão, o desembargador vai ao Largo dos Remédios e lá encontra sua amada nos braços de outro. A fúria toma conta do velho magistrado que, vendo-se traído, toma satisfações de sua protegida e desce aos mais baixos degraus da escala humana, vivendo, em um curtíssimo intervalo de tempo, sensações que vão do ódio profundo à vergonha de ver a própria família a presenciar seu vexame, passando também pela humilhação de ter sua vida íntima exposta em público, pelo desespero de conviver com a impotência física e moral e, ao mesmo tempo pela certeza da dependência dos vícios e dos prazeres carnais proporcionados pela infiel amante. A cena final do livro também é carregada de ironia e de uma pitada de bom humor, sem perder o foco da narrativa.

Outra cena muito importante e que terá significativo valor para o desfecho da obra é a da estada de Pontes Visgueiro no Piauí. Os episódios se encaixam de modo perfeito e divertem o leitor com o canhestro casal que se forma a partir de um encontro fortuito. O contraste entre a decadência física do desembargador e suas atitudes de incorrigível conquistador demonstra a habilidade do romancista em oscilar entre o trágico e o cômico com a mesma destreza.

Muito mais que narrar uma história tantas vezes contata e recontada e que já faz parte do conhecimento público, Waldemiro Viana aproveitou as quase duas centenas e meia de páginas do livro para traçar um perfil psicológico das duas personagens centrais. No entanto, o desembargador é o que recebe maior atenção na construção da personalidade. Sua figura caricata desperta no leitor um misto de pena e riso. O ridículo, em várias passagens da obra, serve como contraponto do drama existencial vivido por um homem dividido entre a sisudez da toga e as alegrias de poder realizar suas taras, não importando o preço a ser pago no balanço final.

Com mais esse livro, Waldemiro Viana presta um importante serviço aos admiradores de sua obra, da boa literatura e até mesmo àquelas pessoas que querem apenas divertir-se com as efemérides de nossa História.

facetubes.com.br
FACETUBES
Textos, rádio e TV

AS IMORTAIS DA AML

POR José Neres - Professor, escritor e membro da AML, ALL e da Sobrames-MA

Fundada em 1908, mais exatamente no dia 10 de agosto, a Academia Maranhense de Letras, também conhecida como Casa de Antônio Lobo, é uma das mais antigas agremiações literárias ainda em funcionamento no Brasil. Sua lista de acadêmicos conta, entre fundadores de cadeiras e sucessores, com mais de uma centena e meia de membros, dos quais ao longo da mais que centenária história da AML, apenas nove são mulheres. Mulheres que trazem a força das palavras em suas mãos e que muito contribuíram e têm contribuído para a cultura não apenas do Estado, mas de todo o País.

Mas quem são essas intelectuais que têm assento eterno na Casa de Antônio Lobo? O que elas produzem ou produziram? Quais as características básicas de suas obras? É isso que será visto, de modo bastante resumindo, nos parágrafos a seguir.

Em abril de 1943, de braços abertos, a Academia Maranhense de Letras recebeu a primeira mulher a ingressar em seus quadros de imortalidade. Tratava-se da professora, pesquisadora, contista e poetisa **Laura Rosa** (1884-1976), que foi fundadora da Cadeira n° 26, patroneada por Antônio Lobo. Escritora de grande sensibilidade poética, Laura Rosa, que assinava seus textos também como pseudônimo de **Violeta do Campo** sabia trabalhar com as palavras, tanto na escrita quanto na oralidade e deixou trabalhos importantes em diversos campos do saber. Sua produção em verso ficou dispersa em jornais, mas parte significativa dela foi reunida e publicada pela professora Diomar Motta em 2016. No ano seguinte, a mesma pesquisadora trouxe novamente à luz o estudo *As Crianças*, no qual Laura Rosa fez um apanhado geral da educação infantil em diversas partes do mundo.

Outra escritora que também fundou uma cadeira na AML foi polígrafa itapecuruense **Mariana Luz** (1879-1960), que ocupou a cadeira 32, patroneada por Gentil Homem de Almeida Braga. Injustamente esquecida durante várias décadas, a obra de Mariana Luz começou a ser resgatada graças aos esforços de pesquisadores como Jucey Santana, Inaldo Lisboa e, mais recentemente, Gabriela Santana, que além de escrever artigos sobre a a produção intelectual dessa autora, reuniu os versos da escritora em uma bem elaborada edição crítica. A poesia de Mariana Luz parece ser tirada do próprio cotidiano e trabalhada com a graciosidade de quem conhecia a arte de transformar dores e vivências em poesia repleta de imagens, ritmos e alegorias. Além de poetisa de grande fôlego, a autora de *Murmúrios* também enveredou por outros gêneros literários com grande desenvoltura.

Prosadora bastante versátil, **Conceição Neves Aboud** (1925-2005) foi eleita em 1955 para a cadeira n° 20 da Instituição. Escritora bastante laureada, a autora de *Teias do Tempo, Grades e Azulejos* e *Rio Vivo* emocionava os leitores com enredos bens construídos, carregados de referências históricas e com personagens que pareciam seres comuns que poderiam ser encontrados em qualquer lugar, mas que traziam dentro de si inúmeros mistérios e uma imensa carga de humanidade. Alguns de seus trabalhos foram publicados em revistas de grande circulação na época e agradavam tanto os críticos quanto os leitores em geral. Infelizmente seus livros hoje são escassos e são encontrados apenas em bibliotecas e em acervos particulares.

A professora, advogada, contista e poetisa **Dagmar Destêrro e Silva** (1925-2004) foi empossada na cadeira nº 24 na metade do ano de 1974. Trata-se de uma escritora que soube trabalhar a prosa e os versos com talento similar. Em suas narrativas os aspectos do cotidiano ganham uma dimensão de novidade e suas personagens parecem estar sempre em conflito consigo mesmas. Assim como fez Mariana Luz, **Dagmar Destêrro** também parecia arrancar das entranhas das próprias vivências o combustível com o qual dava vida a seus poemas, que mostram os problemas e as adversidades do dia a dia, mas também buscam mostrar caminhos para a superação dos obstáculos. Sua poesia é agradável, sonora e cheia de boas reflexões.

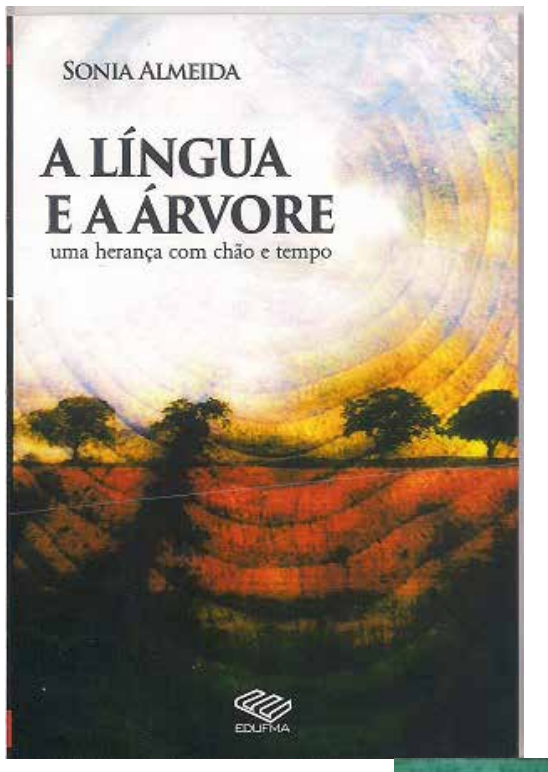
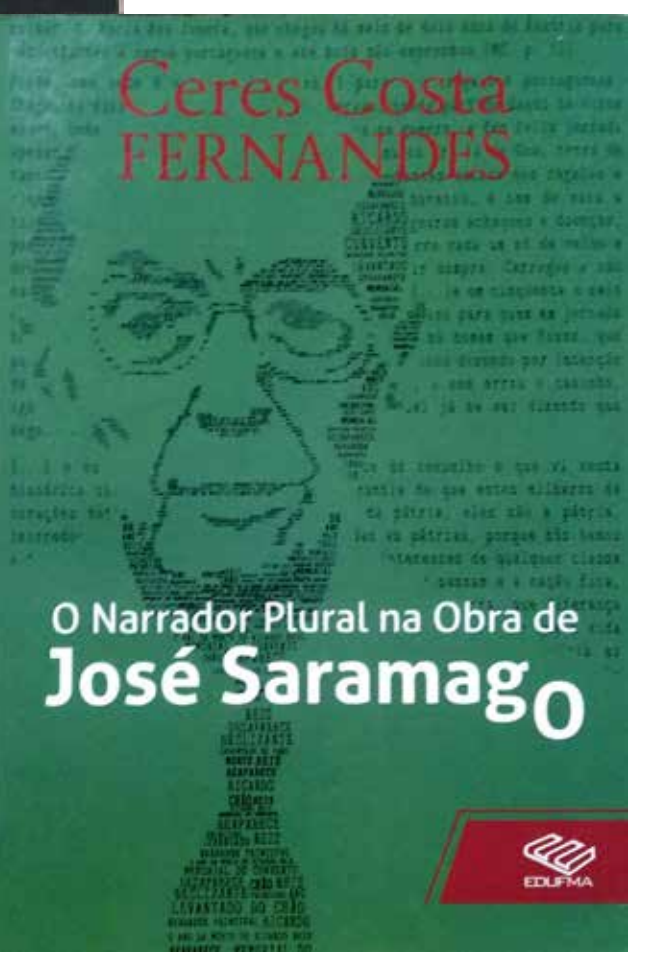
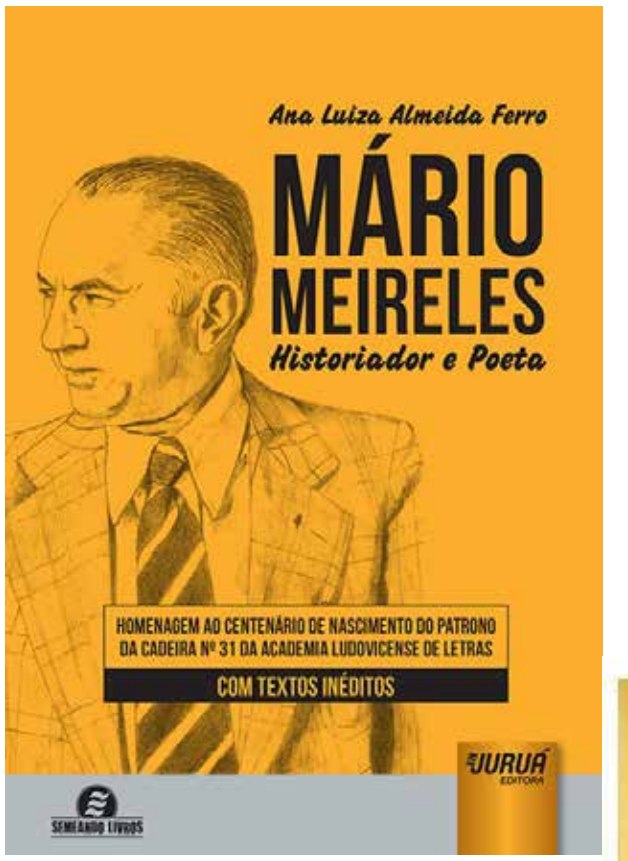
Em 1979 foi a vez da advogada, diplomata, prosadora e poetisa **Lucy Teixeira** (1922-2004) assumir a cadeira nº 7 da AML. Ela fez parte do movimento da Movelaria Guanabara, que marca um momento de grandes mudanças nos modos de ver a poesia moderna em terras maranhenses, e as ideias de **Lucy Teixeira** provavelmente influenciaram a produção literária de autores como Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzi, José Sarney e Odylo Costa, filho. Seu romance *Um destino Provisório* (2001) foi elogiado por muitos críticos, inclusive por Antonio Candido, que disse haver apreciado "a liberdade criadora" da escritora maranhense, que já havia publicado *Elegia Fundamental* (1962), *Palimpsesto* (1978), *Nos tempos dos Alamares & Outros Sortilégios* (1999) e a peça

teatral *Quem Beija o Leão*. Trata-se de uma escritora que precisa ser redescoberta e novamente estudada, pois tem muito apresentar em suas obras.

Nos dias finais de 2001, a professora, ensaísta, cronista e pesquisadora **Ceres Costa Fernandes** foi eleita para a cadeira nº 39, cujo patrono é o orador, advogado e jurista Gomes de Castro. Dona de um estilo elegante no qual o cotidiano ganha vida em forma de palavras que reconstroem algo que nem sempre e perceptível pelas pessoas em geral, Ceres Costa Fernandes publicou crônicas em jornais, com aceitação imediata por parte dos leitores, que começaram a esperar por seus próximos textos. Parte desses trabalhos foi reunido no livro *O Último Pecado Capital & outras Histórias*. Além de exímia cronista, a acadêmica também desenvolveu e publicou estudos sobre a literatura na Idade Média, sobre o Surrealismo e foi uma das primeiras intelectuais no Brasil a se dedicar aos estudos da obra de José Saramago, o que lhe rendeu uma dissertação de mestrado que foi vertida para livro e já teve várias edições esgotadas.

No ano seguinte, foi eleita para a cadeira nº 6 a poetisa **Laura Amélia Damous**, escritora que sempre investiu em um estilo minimalista em que as imagens poéticas se escondem por trás de poemas curtos, porém carregados de essência. A poesia de **Laura Amélia** foi elogiada por estudiosos da literatura como Assis Brasil, Nelly Novaes Coelho, Nauro Machado, Carlos Cunha e Clóvis Ramos, entre outros. Em seus poemas, é possível o leitor encontrar algo que vai além de jogos de palavras ou de giros sintáticos incomuns. Ela encastoa em cada verso o desejo de dizer o máximo possível dentro de uma estrutura mínima, filosófica e poética ao mesmo tempo. Vale a apenas ler os livros de **Laura Amélia**. Eles trazem a certeza de muitos aprendizados e de boas reflexões.

Quase no final de 2005, como o falecimento da escritora Conceição Aboud, a cadeira nº 20 da AML entrou em período de vacância. Então no ano seguinte, a professora Universitária, ensaísta e poetisa **Sonia Almeida** decidiu concorrer à vaga. Foi eleita e tomou posse em agosto de 2006. Ao ingressar na Academia, Sonia Almeida já trazia consigo a experiência de anos de sala de aula e de convívio com as palavras escritas. Publicou seu primeiro livro *Alegorias,* em 1992, e a partir daí, vieram a público vários trabalhos, como *Penumbra, Palavra Cadente, Há Fogo no Jogo* e *O Poema da Diferença*, além de estudos teóricos voltados para a o universo universitário e análise de obras. A poesia de Sonia Almeida é repleta de referências a suas leituras e a seu trabalho com a linguagem e é carregada de metáforas e de alegorias geralmente eivadas de uma visão existencialista.

A mais recente mulher a entrar para a Academia Maranhense de Letras foi a historiadora, poetisa e promotora de justiça **Ana Luiza Almeida Ferro**, que, desde 2017, ocupa a cadeira nº 12 da Instituição. Detentora de diversos prêmios locais, nacionais e internacionais, a escritora publica tanto obras de cunho jurídico, como é o caso de *O Tribunal de Nuremberg: Precedentes, características e legado*; trabalhos voltados para historiografia, como 1612: *Os Papagaios Amarelos na Ilha do Maranhão e a Fundação de São Luís*; e também se dedica com afinco à poesia e à crônica, como pode ser visto em *Quando* (2008), *O Náufrago e a Linha do Horizonte* (2012) e Folhas Ludovicenses (2019), sendo este último uma coletânea de crônicas e artigos anteriormente publicados em jornais. A poesia de Ana Luiza é marcada pela leveza poética com que ela trabalha temas de grande impacto individual e/ou social.

As escritoras da Academia Maranhense de Letras são talentosas, têm uma boa produção intelectual, e, individualmente ou em seu conjunto, podem servir como base para inúmeros estudos sobre a nossa literatura de ontem e de hoje. Merecem nossos aplausos!